

CADERNO PEDAGÓGICO

ORALIDADES AFROPARANAEENSES

CAPITULO 3

PRESENÇA NEGRA NO PARANÁ

UNIDADE 2

NEGROS PAMPHILO:

PERSONALIDADES

NEGRAS DA

SOCIEDADE

CURITIBANA

DO SÉCULO XX

Ana Crhistina Vanali

(...)
E a cidade que não tinha negros
começa a se descobrir
A capital mais negra do sul
Um “Brasil diferente”
começa a surgir
Sentir...
Algumas histórias cruéis
Acontecidas bem aqui
no centro da cidade
Que nega
suas incômodas ancestralidades
(...)

Almas das ruas: uma crônica para a alma negra curitibana.
In.: REINEHR, Melissa; SILVA, Adegmar.
Oralidades Afroparanaenses:
fragmentos da presença negra na história do Paraná.
Curitiba: Editora Humaita, 2016

NEGROS PAMPHILO: PERSONALIDADES NEGRAS DA SOCIEDADE CURITIBANA DO SÉCULO XX

Ana Crhistina Vanali

As disciplinas de Sociologia e de História atualmente têm um papel ainda mais desafiador ao se deparar cotidianamente com os conceitos de memória, diferença e identidade. Afinal, como pensar as questões de subjetivação e de identificação nos dias atuais, uma vez que foi ampliada a visibilidade e a legitimidade de antigas demandas impostas por diferentes movimentos sociais para o reconhecimento dos seus direitos?

O discurso político tem um papel central na construção da memória, pois resulta no processo de identificação que na maioria das vezes é uma das principais estratégias adotadas pelos grupos hegemônicos para não trazer à tona as diferenças que marcam a construção de uma sociedade.

Como educadores nos deparamos com o desafio diário de explicar o terreno de disputas entre as diferentes memórias coletivas. Terreno este no qual os professores e os alunos acabam se identificando com determinadas demandas e que leva a necessidade de se posicionar frente a um passado “comum” inventado e legitimado através do discurso oficial do Estado. Deve-se propiciar aos alunos meios para questionarem as interpretações construídas no passado para na atualidade poderem entender as discriminações culturais presentes na sociedade. Como determinadas memórias se tornaram hegemônicas na construção da narrativa sobre a formação da sociedade paranaense? Que identidade paranaense é transmitida pela historiografia tradicional? Qual o lugar do negro nessas memórias? Qual a contribuição do negro na construção desse passado comum?

No que se refere à história dos negros no Paraná, a sua invisibilidade é reforçada pela narrativa fragmentada, impossibilitando uma visão mais complexa e processual da presença africana no estado, diferentemente da história dos brancos europeus que é marcada pela coesão e continuidade. Essa invisibilidade faz com que os negros sejam desconectados do processo histórico mais amplo sendo vistos como novos atores sociais, não articulando que a luta do presente está associada com a história do povo negro na sociedade brasileira.

A construção de novos discursos não pode esquecer as marcas desse passado, com as quais se deve dialogar para entendermos quem somos, e quem são os outros e sobretudo esses devem ajudar no combate às desigualdades e às



diferentes formas de discriminação racial ainda bastante presentes na sociedade brasileira.

Ao final desse texto, narramos a trajetória de duas personalidades negras que desempenharam papéis importantes na sociedade curitibana na primeira metade do século XX até o final da década de 1960. Duas personalidades que partilhavam, além da mesma cor, de um nome em comum: Pamphilo, que em grego significa **leão em tudo**¹.

Um era médico, outro advogado, e atuaram em uma Curitiba cujo discurso oficial era de uma cidade onde **quase não há negros**. Esse discurso tem como fonte o trabalho de Wilson Martins, intitulado **Um Brasil Diferente**, publicado no ano de 1955, onde o autor aponta o Paraná como sendo diferente do restante do país por ter sido formado “sem escravidão, sem negro, sem português e sem índio, dir-se-ia que a sua definição humana não é brasileira” (MARTINS, 1989, p. 446)².

Assim, Curitiba teria sido fundada por colônias de imigrantes europeus, sendo puramente branca, o que desemboca na narrativa da **cidade modelo** justamente por sua formação étnica. Nesse discurso, que encontramos na mídia local e nas propagandas institucionais, está implícita a ligação entre qualidade de vida e o predomínio dos descendentes de europeus na formação da cidade; como se uma cidade só pudesse ter qualidade de vida se tivesse em sua formação étnica uma predominância do elemento branco europeu ou, se todo lugar onde este elemento fosse dominante necessariamente fosse desenvolvido. O problema é que esse discurso torna invisível a população negra da cidade.

O problema da invisibilidade social dos negros é uma questão central no entendimento da sociedade brasileira, a mesma que apresenta imensas desigualdades nos seus indicadores sociais. Precisa-se desenvolver uma identidade que esteja aberta às diferenças e à pluralidade cultural, o que não pode ocorrer sem que, ao menos, se reconheça a existência de diversos grupos étnicos e culturais que em dado momento se misturam e realizam trocas culturais, e em outros entram em conflito.

Apesar de ainda permanecer em grande parte do imaginário e do senso comum dos curitibanos a ideia de que a cidade é apenas branca-europeia, outros trabalhos vêm tratando justamente da invisibilidade social dos negros³ em

1 “Leão em tudo” significa que o destino é vencer, por ser corajoso e não ter medo dos desafios. É um líder, apresentando as ideias mais inovadoras e diferentes possíveis. Significado de Panfilo. In: <https://www.significado.origem.nom.br/nomes/panfilo.htm>. Acesso em: 18 set. 2018.

2 Wilson Martins não se diz ligado ao Movimento Paranaense, mas define a identidade paranaense como sendo naturalmente constituída por fatores como clima e raça.

3 Os indígenas também são deixados de lado nessa narrativa da “fundação europeia da cidade”, apesar da origem semântica do nome da cidade - Curitiba - ser de origem tupi e significar “muito pinhão” para alguns autores e, para outros, “muitos porcos”.

Curitiba, mostrando que esse discurso foi construído com a ajuda da historiografia tradicional⁴. A etnia negra é parte importante da população curitibana. Quase um quinto da população de Curitiba se declara parda (16,9%) e 2,8% são pretos. Os dados são do [Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística \(IBGE\)](#).

Temos que refletir sobre como nos relacionamos com a cidade de Curitiba, que imagem temos dela e de seus habitantes, o que implica na formação da nossa própria identidade, ou pelo menos parte significativa dela. O que é **ser paranaense**, **ser curitibano**? Um dos objetivos desse texto é fornecer aos alunos uma carga de conhecimento para poderem refletir sobre novos discursos e sobretudo acerca das identidades paranaense e curitibana, multiplicando suas perspectivas, evitando o discurso único do **Paraná Europeu**. Nossa História mistura diversos elementos e devemos desenvolver uma consciência mais propriamente histórica, que nos proporcionará uma consciência crítica.

A INVISIBILIDADE DA PRESENÇA NEGRA NA HISTÓRIA DO PARANÁ

Os Negros Pamphilo atuaram em Curitiba na primeira metade do século XX, numa capital provinciana “com menos de cinquenta mil habitantes,... quando começaram a aparecer os primeiros automóveis, ... nas ruas lamacentas ... Em cada setor de atividade, notadamente nas profissões liberais, uns tantos nomes exponenciais eram sempre mencionados: quatro ou cinco advogados, cinco ou seis médicos ... Dentre os advogados, citava-se o Dr. Pamphilo ... nimbado duma auréola de prestígio, que o ornava respeitado e admirado na sociedade curitibana”(GOMES, 1959, p. 379-380). E dentre os médicos, o “ilustre patricio Dr. Antenor Pamphilo dos Santos, talentoso professor da Faculdade de Medicina”. (O Estado (PR), 18/11/1937, p. 2.)

A trajetória de ambos nos remete à questão da educação para a população negra. Os dois se formaram no pós-abolição, um período em que o acesso aos benefícios produzidos pela sociedade, como à educação, sempre foi muito difícil para a população negra. Antes da abolição, ocorrida em 13 de maio de 1888, chegou a existir uma legislação que proibia o acesso à educação por parte da população negra⁵.

Atualmente ainda existem as desigualdades raciais no âmbito da educação

4 Consultar Ianni (1988) e Moraes; Souza (1999). Por historiografia tradicional nos referimos sobretudo a Romário Martins (1995) e Ruy Wachowicz (1988).

5 Consultar Lei Nº 14 de 22/12/1837 do Rio Grande do Sul e Lei Nº 1331 de 17/02/1854 do Rio de Janeiro.



na sociedade brasileira conforme aponta dados do PNAD/IBGE e alguns trabalhos acadêmicos (SILVA, 2018; VANALI, 2018).

Tanto Pamphilo D'Assumpção, quanto Pamphilo dos Santos, possuem trajetórias que se contrapõem ao discurso paranista que definiu a identidade paranaense baseada num pensamento racista, que fez questão de invisibilizar a participação do elemento negro na história paranaense e reforçar o discurso, que por muito tempo circulou como oficial, de que a história de Curitiba só começou com a chegada dos imigrantes europeus, no século XIX.

O contexto histórico do final do século XIX e início do século XX no Brasil, e especificamente no Paraná, serão a base para a compreensão, com maior amplitude, da vida dos nossos biografados. Assim ficará mais fácil entender as rupturas e continuidades das trajetórias dos Negros Pamphilo.

A biografia conserva sua especificidade em torno do sujeito histórico, pois a época e o meio são valorizados como aspectos capazes de caracterizar uma atmosfera propícia para explicar a singularidade da trajetória do biografado, sem com isso tentar normalizar os comportamentos e ideias de um grupo ou de uma época. A intenção é utilizar a biografia como um instrumento do conhecimento histórico e assim se despojar da tradicional biografia linear e factual.

Afinal, **o que podemos saber de um homem?** Sartre (1966) propõe para os estudos biográficos o **método progressivo-regressivo** no qual é necessário compreender ao mesmo tempo o homem e o lugar. Entender o seu entorno, a questão das determinações do contexto histórico, a relação objetiva com essa realidade, assim, procurando compreender o indivíduo desde seu interior (regressão) até a sua vida e obras (progressão). O homem faz a história ao mesmo tempo em que ele a suporta. A fim de abordar esse duplo movimento do indivíduo em direção às suas circunstâncias objetivas e destas em direção ao indivíduo, é que o autor propõe esse método que se aplica na medida em que ele se constrói (SARTRE, 2013).

Relacionar o papel do indivíduo com as circunstâncias de seu tempo é uma das razões dos estudos biográficos que investiga momentos e reavalia experiências de vida com o objetivo de explicar o acontecido e o lugar que o biografado ocupou ou ocupa na história (BOURDIEU, 1990).

Assim, a exata compreensão da trajetória singular de um autor se dá precisamente em meio à pluralidade. Isto significa que a trajetória de um indivíduo só se torna compreensível no contexto ou no meio político e social de que faz parte, seja se diferenciando, seja se identificando com os pressupostos ou valores dominantes da época.

Segundo Bourdieu (1990), é imprescindível que o exame da trajetória singular de um determinado indivíduo, esteja articulado à apreensão do comportamento, disposições e tomadas de decisões desse nos diferentes campos em que atua, sobretudo, onde este concorre com os demais autores. O conceito de campo é definido por Bourdieu (2010) como um espaço estruturado de relações, onde as condições objetivas (aquelas que são da estrutura social) e as práticas sociais se manifestam. Pode ser definido ainda como uma esfera autônoma da vida social, onde cada campo possui seu capital específico, como por exemplo, o campo científico, em que o capital social se expressa pelos títulos, publicações, etc. Dessa mesma forma tem-se os campos político, cultural, religioso, artístico, intelectual, etc.

Assim, devemos entender que as trajetórias dos Negros Pamphilo estão sempre ligadas a uma rede de relações de dependências recíprocas. A pesquisa de uma trajetória individual nos permite compreender tanto a vida do indivíduo quanto as relações que se estabeleceram entre o ele e o contexto social, ou seja, indivíduo e sociedade coexistem numa relação unívoca, não se consegue separar (ELIAS, 1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito racial no Brasil é constitutivo de sua sociabilidade. Durante o sistema escravista formou-se essa cultura racista. Ianni (1988) já apontou em suas pesquisas que seus informantes lhe declaravam que em Curitiba não havia negros e que o negro curitibano era o polaco, assimilando o preconceito que os alemães desenvolveram na Europa contra os poloneses. Por isso, discutir sobre o problema do negro e a questão racial é tão importante, pois deve-se questionar os muitos mitos que são constitutivos da ideologia dominante e acabam neutralizando o outro. Novos estudos devem ser realizados demonstrando a situação real das relações raciais no país. E no caso do Paraná, o mito da não participação do negro na constituição da sociedade paranaense deve ser visto antes de tudo como político e social, pois acaba servindo aos interesses das elites dominantes. Quanto elementos negros como Pamphilo D'Assumpção e Pamphilo dos Santos alcançaram êxito, mas foram embranquecidos pela história oficial, por isso se questiona se eles realmente eram negros? Conforme destaca Mel e Candiero (REINEHR; SILVA, 2016, p. 27 e 28):



Do primeiro presidente da OAB-PR
 Dr. Pamphilo Assumpção
 Um afrodescendente embranquecido
 Na história do Paraná
 Um dos fundadores
 Da Academia Paranaense de Letras
 Um dos fundadores do estatuto da UFPR.

...

Quantas negras e negros guerreiros paranaenses ...
 Sem nome, sem imagem

A presença do negro na formação da identidade paranaense sempre foi secundarizada, quando não omitida, e a imagem do Paraná branco seguiu em frente (MORAES; SOUZA, 1999). Nossa intenção com esse texto é demonstrar que a memória da população negra paranaense foi esquecida, não foi reservado à ela um espaço na história da constituição da identidade do estado mais negro do sul do Brasil, o Paraná.

Ao recuperarmos as trajetórias dos Negros Pamphilo, levantamos fragmentos de novas "histórias que eram para ser esquecidas", demonstrando a contribuição dos afrodescendentes para a construção da história do Paraná. Com isso, visamos superar as práticas e ideias racistas, reconhecendo a importância e a necessidade da realização de novos estudos sobre a história paranaense que privilegiem a construção de novas atitudes e interiorize novos valores baseados no respeito às diferenças, no enfrentamento das desigualdades e no combate a qualquer tipo de discriminação.

ABAIXO O 13 DE MAIO

P/ VALDIR IZIDORO SILVEIRA

Da minha metade negra por parte da minha mãe, protesto, mais de uma vez, contra essa comemoração do 13 de Maio, o Dia da ‘Libertação dos Escravos’, como aprendemos nos estúpidos manuais escolares, que sempre contam a história a partir da perspectiva dos vencedores e das classes dominantes.

Nesse dia, aprendemos, a boboca da Princesa Isabel, uma panaca bem parecida com Papai Pedro II (o Pedro Banana, dos “chargistas” da época), que nunca fez coisa alguma de memorável, em 13 de maio de 1888, Isabel assinou, com pena de ouro, a quarta lei abolicionista, dando por extinta a escravidão no Brasil (depois da Lei da Proibição do Tráfico, do Ventre Livre e dos Sexagenários).

Grande bosta.

A essas alturas, o Império já estava caindo de podre, e os militares o derrubariam no ano seguinte. A escravidão já era, há muito tempo, uma instituição arcaica, absurdamente onerosa diante das relações capitalistas de produção, baseadas no salário.

Um empregado é infinitamente mais barato que um escravo [uma pessoa escravizada].

Não precisa alimentá-lo, nem obrigá-lo, não precisa cuidar da saúde dele e, se morrer, é só contratar outro.

Quer dizer, a Lei Áurea foi absolutamente inútil, um gesto retardatário e meramente ornamental, que só consagrava uma situação de fato.

A força do gesto está no significado simbólico, abolir a escravidão, conceder a liberdade a milhares de seres, que mourejavam no cativeiro.

Aí é que está o furo da questão toda.

Pra começo de conversa, liberdade é o tipo da coisa que não se concede. Liberdade se conquista. Se preciso, com armas na mão.

Passivos como escravos, os negros receberam, passivamente, esta liberdade que, como tudo o mais, lhes vinha de cima. Do mesmo lugar donde costumavam vir as chicotadas do feitor.

Mas isso, ainda é pouco comparado com a sacanagem maior.

O escravo liberto, em 13 de maio, não recebia nenhum tipo de compensação, nem em terra nem em dinheiro, que lhe permitisse começar sua vida como cidadão livre.

Com a Lei Áurea, os negros foram atirados do inferno agudo da senzala, do chicote e da tortura, para o inferno crônico da pobreza, do analfabetismo e do despreparo intelectual, inferno onde, ainda hoje, vegeta parte da população

dos negros e mulatos do Brasil.

Milagres um Gilberto Gil, um Pelé, um Guerreiro Ramos, um Ney Lopes.

Da senzala, o negro saiu para a favela. Da escravidão para o crime.

Parte considerável da nossa população carcerária é constituída por gente de pele escura.

E a polícia não tem dúvidas. Todo o negro é um criminoso em potencial. Mãos para cima, negão, e vai contando tudo, se não quer ir para o pau-de-arara.

Esse foi o grande crime social cometido pela Lei Áurea.

A condenação da raça negra,



Fonte: Correio de Notícias, 13/05/1986, p. 9.

no Brasil, a uma condição subalterna, miserável e desprotegida, entregue à própria sorte.

Sabe-se, por exemplo, que inúmeros escravos [escravizados], depois da abolição, preferiram continuar trabalhando nas mesmas fazendas e casas-grandes onde tinham crescido, criado laços e envelhecido.

Vamos imaginar uma negra escrava Emerenciana, uma tia Anastácia, de 62 anos, cozinheira de uma fazenda de café, no interior de São Paulo.

Ela nasceu naquela fazenda. Quando moça e bonita, foi amante do seu senhor. Mais velha, deu de mamar ao sinhozinho da casa-grande e lhe ensinou a falar, e lhe contou histórias de assombração.

Foi copeira, faxineira, arrumadeira. Assistiu a festas. Ajudou a sinhazinha a se vestir na noite do grande baile.

Na cozinha, Emerenciana é a senhora. Sabe onde está cada tacho, cada panela, cada frigideira, cada prato, cada concha, cada xícara.

E agora vem essa tal de Isabel e assina uma lei que diz que ela está livre e pode ir onde bem entender. Oras bolas!

Ir para onde, se seu mundo é este, esta condição subalterna, esta cozinha sempre suja e sempre limpa, este varal de roupas, este temor, quase amor, diante de sinhô e sinhá?

Em sua crueldade, a máquina de opressão luso-brasileira foi perfeita.

Não temos, hoje, um sociólogo pernambucano, chamado Gilberto Freyre, que se derrete de indisfarçável ternura ao enxergar (na cabeça dele) uma idílica “integração” entre negros e brancos, entre senzala e casa-grande, no Brasil patriarcal do açúcar?

É significativo que, em seu “Casa Grande & Senzala” (1928), o livro mais safado da sociologia brasileira, esse ridículo pavão moribundo que é Gilberto Freyre, praticamente, não dedique uma linha aos quilombos e à resistência negra, aos negros fujões e ao incansável desejo

de liberdade negra, demonstrado em inúmeras rebeliões, culminando com a Guerra Santa dos negros muçulmanos malês da Bahia, em 1835.

Tudo se passa como se aqueles negrões da Nigéria e de Angola adorassem servir àqueles estúpidos manuéis e joaquins que encham com o lixo de sua presença essa casa-da-mãe-joana, que é a história pátria.

Está na hora do negro começar a escrever a história do seu passado, enquanto etnia.

Para isso, o negro brasileiro vai ter que ir para a universidade, vai ter que virar sociólogo, cineasta, romancista, poeta. Sobretudo, político. Vai ter que ter dinheiro.

Lenta, mas inexoravelmente, esse dia se aproxima.

Todo negro é uma nobreza, no Brasil Nobreza do passado, do trabalho feito, da rebeldia sufocada, da resistência cultural inquebrável (o samba, o candomblé, a capoeira).

Ainda vai raiar o sol nessa África que trazemos dentro de nós.

Até lá, vamos cuspir nessa miserável festa de 13 de Maio, dia da Grande Sacanagem Contra o Negro Brasileiro.

Pra mim, pra nós, o grande dia do negro brasileiro é o dia em que morreu Zumbi e caiu Palmares, o maior quilombo do Brasil Colônia, onde os negros mostraram, com armas na mão, diante do maior exército que o Brasil já vira, que com preto não se brinca.

A data é 20 de novembro. Pra mim, 13 de maio cai em 20 de novembro. Até lá.

Hoje à noite, a partir das oito, a coisa vai estar preta, no Teatro de Bolso, na Praça Rui Barbosa. Vai ter roda de samba, demonstração de capoeira, poemas gritados pelo Geraldo Magela, “show” do Grafite e outras negritudes alusivas à data. O último a chegar é mulher do Gilberto Freyre.

Paulo Leminski

Fonte: Correio de Notícias, 13/05/1986, p. 9.

JOÃO PAMPHILO VELLOSO D'ASSUMPÇÃO

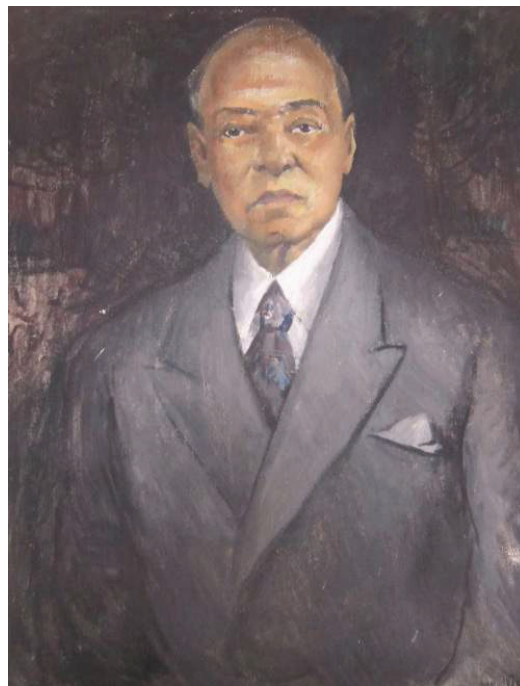
Nascimento: Curitiba/PR, 07 de setembro de 1868

Falecimento: Curitiba/PR, 15 de janeiro de 1945



Fonte: Acervo do Centro de Letras do Paraná.
Foto: Ana Vanali

Pamphilo D'Assumpção. Década de 1920.



Pamphilo D'Assumpção. Década de 1940.

João Pamphilo Velloso D'Assumpção nasceu dia 7 de setembro de 1868 em Curitiba, estado do Paraná. Foi o quinto filho de Manoel Euphrasio D'Assumpção e Germina Velloso. O casal teve mais seis filhos: Paulo (1850), Hosanna (1857), Francisca (1864), João (1866), Josephina (1870) e Maria Deolinda (1878)¹. Seu pai foi organizador da polícia militar no Paraná nos tempos provinciais e organizador das tropas que partiram do Paraná para a Guerra do Paraguai (CARNEIRO, 1981).

Em 1885 iniciou os estudos na Faculdade de Direito de São Paulo. Diplomou-se em 1889 e prestou concurso para professor na faculdade em que se formara, e durante muito

tempo foi o único bacharel doutor, titulação alcançada em 1897. Após formado, trabalhou no escritório do Barão de Ramalho, onde ficou até a morte desde em 1902 (BOIA, 2001). Conselheiro Joaquim Ignacio Ramalho (Barão de Ramalho)² (1809-1902), foi jurista, professor, político, diretor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, de 1891 e 1902, além de fundador do Instituto dos Advogados de São Paulo.

Retornou para Curitiba por volta de 1908 onde montou seu

². Conselheiro Joaquim Ignacio Ramalho (Barão de Ramalho) (1809-1902), foi jurista, professor, político, diretor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, de 1891 e 1902, além de fundador do Instituto dos Advogados de São Paulo. Disponível em VASCONCELLOS, Barão de. *Archivo nobiliarchico brasileiro*, Lausanne/Suíça: Imprimerie La Concorde, 1918.

¹. Disponível em https://www.myheritage.com.br/names/francisca_assumpcao. Acesso em: 18 set. 2018. *Diário da Tarde*, 28/11/1903, p. 3.

escritório de advocacia, um dos mais procurados. Não se dedicou apenas aos assuntos forenses, ampliando suas atividades: escrevia na imprensa diária (A República, Diário da Tarde e Comércio do Paraná) comentários sobre assuntos jurídicos, política, artes, entre outros (BRANTES, 2008). Desempenhou altos cargos de gestão em importantes sociedades de classe sendo presidente da Associação Comercial do Paraná por seis anos (1909-1913 e 1927-1931).

Durante sua gestão reestruturou a instituição que ganhou um novo status (CARNEIRO, 1981). Também foi fundador de várias entidades culturais como do Centro de Letras do Paraná, em 1912, do qual foi presidente por duas gestões (1918-1921 e 1922-1934) e da Academia de Letras do Paraná, em 1922. Foi presidente da Sociedade Thalia (1927-1928) e **membro da Academia Paranaense de Letras fundada em 1936**.

Catedrático da Universidade do Paraná desde 1913, participou da sua fundação, e ocupava a cátedra de Direito das Obrigações. Era um “profissional respeitado entre seus pares e um nome largamente conhecido pela comunidade política e intelectual de Curitiba” (GRUNER, 2009, p. 79).

Em 10 de junho de 1917 foi um dos fundadores do Instituto de Advogados do Paraná, sendo eleito seu primeiro presidente. Permaneceu no cargo por 15 anos, até o ano de 1932, passando a ser presidente honorário do instituto. Foi responsável pela instalação da Seção Paranaense da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), sendo seu presidente de 1932 a 1937³.

³ Disponível em <http://iappr.org.br/site/1917-1932/>. Acesso em: 18 set. 2018.

Seu primeiro casamento foi com Maria Carolina Sampaio, com quem teve as filhas Yraci, Aray e Jacy. Em 1919 faleceu sua primeira esposa e no ano seguinte, em 1920, casou em segundas núpcias com a pintora Maria Amélia de Barros com quem teve duas filhas⁴ (BRANTES, 2008).

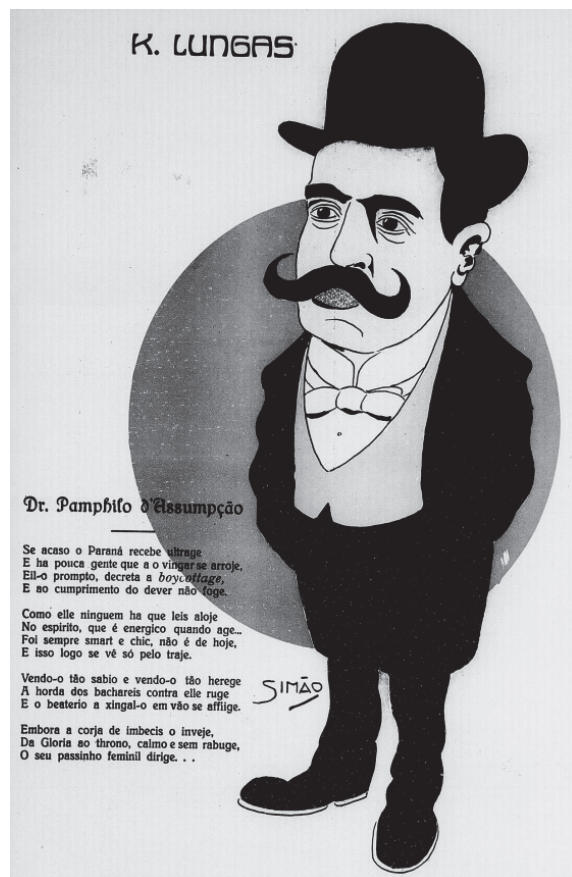
Foi consultor jurídico do estado do Paraná e escreveu várias obras na área de Direito, colaborando para diversas revistas de jurisprudência (GOMES, 1959).

Foi um destacado profissional liberal de formação jurídica, porém, nos últimos anos de vida, doente e sem poder trabalhar, recebia uma ajuda mensal da OAB para complementar sua renda⁵.

⁴ Maria Amélia Fernandes de Barros (1883-1955), pintora e professora de arte. Foi a primeira mulher do Paraná a expor, individualmente, no Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.artesnaweb.com.br/index.php?pagina=home&abrir=arte&acervo=1214>. Acesso em: 18 set. 2018. Pamphilo D'Assumpção também produziu algumas telas de aquarela, mas de sua produção artística, pouca coisa se encontra (BRANTES, 2008).

⁵ O Dia, 19/01/1945, p.5.

Homenagem à Pamphilo D'Assumpção. Fonte: A Bomba, 10/08/1913, p. 26





João Pamphilo Velloso D'Assumpção. Rio de Janeiro, 1909. Fonte: Acervo da Casa da Memória. Diretoria do Patrimônio Cultural / Fundação Cultural de Curitiba.

Lunch oferecido aos membros da Colônia Paranaense por Pamphilo de Assumpção, presidente da Associação Comercial do Paraná, por ocasião da data comemorativa da separação do Estado do Paraná do de São Paulo. No centro do grupo (de colete branco), está o advogado e propagandista dos produtos do Paraná, Dr. Pamphilo de Assumpção, tendo a sua direita o deputado Correa Defreitas e a sua esquerda Arinos Pimentel e o Dr. Paulo Telles. A mocidade acadêmica paranaense e os representantes da imprensa completam esta fotografia tirada no Bar do Ipanema expressamente para a Revista Fon-Fon.

REFERÊNCIAS

BOIA, Wilson. **Pamphilo D'Assumpção** (fundador). In: Bibliografia da Academia Paranaense de Letras. Curitiba: Posigraf, 2001, p. 51.

BRANTES, Carlos Alberto. **Dr. Pamphilo D'Assumpção**: jurista e artista. BIHGP, Vol. LIX, 2008, p. 75-79.

CARNEIRO, David. **Perfil histórico da Associação Comercial do Paraná e galeria dos presidentes**. Curitiba: Reproset, 1981.

GOMES, Oscar Martins. **O professor Pamphilo D'Assumpção**: perfil póstumo. *In*: Revista da Faculdade de Direito. Curitiba: Universidade do Paraná/Papelaria Requião, v. 6/7, p. 379-383, 1959.

GRUNER, Clóvis. **Um nome, muitas palavras**: Pamphilo de Assumpção e os discursos jurídicos na Curitiba da Belle Époque. *In*: **Revista Regional de História**, Curitiba, v. 14, n. 1, p. 76-104, 2009.

SUGESTÕES DE LEITURA

CANDIERO; MEL. **Alma das Ruas**: uma crônica para a alma negra curitibana. Curitiba: Editora Humaitá, 2015.

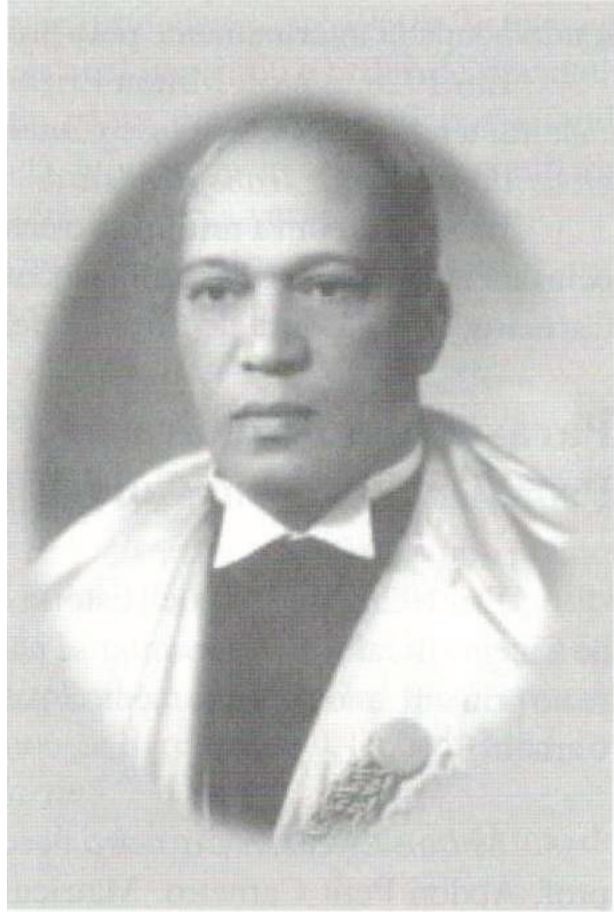
GRUNER, Clóvis. **Em torno à “boa ciência”**: debates jurídicos e a questão penitenciária na imprensa curitibana. *In*: Revista Regional de História 8 (1), 2006, p. 67-94.

MENDES, Antonio Celso. **Um século de cultura**: história do Centro de Letras do Paraná (1912-2012). Curitiba: NMC/Estúdio Texto, 2013.

PLAISANT, Dicesar. **Panfilo de Assumpção**. *In*: Visões panfletárias. Curitiba: Irmãos Guimarães, 1938, p. 195-196.



Antenor Pamphilo dos Santos em 1962. Pamphilo dos Santos é o primeiro sentado da esquerda para a direita. Fonte: Divulgação Paranaense, Nº166, janeiro de 1962, p. 43.



ANTENOR PAMPHILO DOS SANTOS

Nascimento: Salvador/BA, 1º de junho de 1895

Falecimento: Curitiba/PR, 09 de fevereiro de 1967

Pamphilo dos Santos.
Curitiba, 1962. Fonte:
Acervo da Faculdade de
Medicina da UFPR
Foto: Ana Vanali

Antenor Pamphilo dos Santos nasceu dia 1º de junho de 1895 em Salvador, estado da Bahia. Lá trabalhou como “mata mosquito”, ou seja, era agente comunitário de saúde e de combate às endemias. Em 1920 era funcionário público do estado do Paraná, em Curitiba, trabalhando como auxiliar do serviço sanitário¹.

Não se sabe quando chegou na capital paranaense, mas em 1921, aos 26 anos, formou-se em Farmácia pela Universidade do Paraná e, em 1928, colou grau em Medicina pela mesma instituição, defendendo a tese “Teoria dos envenenamentos”.

Foi o primeiro a receber o prêmio Nilo Cairo da Universidade do Paraná composto por diploma e medalha concedido ao formando em medicina com a melhor nota (COSTA; LIMA, 1992).

Em 1926 assumiu a cátedra de Química Toxicológica e Bromatológica do curso de Farmácia da Universidade do

Paraná. Com as teses sobre “Estrutura dos corpos cristalizados” (escolhida pela banca) e “O hidrogênio atômico e molecular” (livre escolha), no ano de 1929 prestou concurso para a cátedra de Química Geral e Mineral da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Em 1932 passou a lecionar Química Biológica. No ano de 1937 prestou concurso para a cadeira de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná a qual ocupou até se aposentar em 1965 (COSTA; LIMA, 1992).

Atuou como membro do Conselho Universitário da Universidade do Paraná de 1955 a 1961 (SOUZA, 2016), recebendo desde o título de Professor Emérito após sua aposentadoria².

Foi eleito diretor da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná por duas vezes, exercendo a função de 1956 a 1963 (COSTA; LIMA, 1992). Foi durante sua gestão que o prédio do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná

¹ A República, 14/10/1920, p. 1. A República, 20/05/1922, p. 1.

² O Diário do Paraná, 10/02/1967, p. 7.



foi inaugurado em 26 de março 1960, momento no qual declarou “é uma obra, o Hospital de Clínicas de Curitiba, que vai, incontestavelmente, solucionar uma das grandes dificuldades que tínhamos, que era a do ensino das clínicas” (ANTENOR PAMPHILO DOSSANTOS, 26/03/1960)³.

Foi membro da terceira diretoria da Associação de Professores da Universidade Federal do Paraná (APUFPR) sendo vice-presidente de 1965 a 1966 (APUFPR, 2010).

Antes de ser professor da Universidade do Paraná, Pamphilo dos Santos havia sido professor de Física e de Química do curso ginásial no Colégio Novo Atheneu⁴. Depois, mesmo já sendo professor da Faculdade de Medicina atuava como membro da banca de exame de História Natural do Ginásio Paranaense⁵ e como professor no curso preparatório do Gymnasio Brasileiro localizado na Praça Osório⁶. Também trabalhava como professor de Química para o curso preparatório do exame vestibular de medicina do Colegio Iguassu situado na Praça Rui Barbosa⁷.

Realizava muitas conferências e palestras radiofônicas pela cidade de Curitiba, sempre tratando de temas relacionados à saúde como tuberculose, saúde da criança, lepra, febre tifoide, etc⁸. Participou de muitos congressos a nível nacional representando o Paraná.

Agilizava campanhas de

solidariedades para angariar recursos para a construção de entidades como a Sociedade de Assistência aos Lázaros e defesa contra a lepra de Curitiba⁹. Se empenhava em outras ações coletivas, como a doação de um terreno da prefeitura para a construção do biotério da Faculdade de Medicina¹⁰. Era membro da Legião Brasileira de Assistência (LBA)¹¹. Organizava e orientava cursos de educadores da saúde popular¹². Também foi membro do Círculo de Estudos Bandeirantes (FERRARINI, 2011).

Em 1943 pediu licença como professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná para exercer funções públicas. Pamphilo dos Santos exerceu cargos de alta relevância na vida política e administrativa do Paraná.

Em 1930 tornou-se o médico sanitarista da Diretoria Geral da Saúde do Paraná sendo o chefe do Laboratório de Bromatologia e Análises Clínicas¹³. Durante o governo do interventor Manoel Ribas, de 1932 a 1934 assumiu como interino a Diretoria Geral da Saúde Pública¹⁴. De 1939 a 1941 assumiu como diretor geral o Departamento de Saúde¹⁵.

Ainda no governo de Manoel Ribas foi diretor geral de Educação no ano de 1944¹⁶ (RODRIGUES, 2013; LIMA JUNIOR, 2009).

¹⁰ Diário do Paraná, 23/12/1956, p. 8. Biotério é o viveiro em que se conservam animais em condições adequadas à utilização em experimentos científicos ou produção de vacinas e soros.

¹¹ O Dia (PR), 26/02/1949, p. 4.

¹² O Dia (PR), 04/01/1947, p. 5.

¹³ A República, 22/04/1930, p. 3.

¹⁴ O Dia (PR), 04/02/1933, p. 1. Lei Nº 2703 de 29/04/1929.

¹⁵ O Dia (PR), 23/05/1941, p. 7. Decreto Nº 6155 de 12/01/1938.

¹⁶ O Dia (PR), 12/03/1944, p. 8. O Dia (PR), 22/06/1944, p. 3.

³ Última Hora, 26/03/1960, p. 2.

⁴ Commercio do Paraná, 11/02/1925, p. 7. O Dia, 01/03/1925, p. 5.

⁵ A República, 22/11/1929, p. 5.

⁶ O Dia (PR), 23/03/1931, p. 2.

⁷ O Dia (PR), 08/10/1931, p. 4.

⁸ O Estado, 09/11/1937, p. 8. Diário do Paraná, 11/10/1946, p. 7.

⁹ O Dia (PR), 23/05/1941, p. 7.

De 1946 a 1952 foi presidente da Associação de Assistência à Criança do Paraná¹⁷. Em 1948 era diretor da Divisão de Proteção Social do Departamento Estadual da Criança (DEC) ao lado de Domício Costa e do diretor geral Pio Taborda Veiga. O DEC foi criado em 1947 como órgão da Secretaria de Saúde e Assistência Social com a finalidade de estimular e orientar a organização de estabelecimentos municipais e particulares destinados à proteção da maternidade e da infância além de realizar estudos relativos à situação em que se encontrava a maternidade, a infância e a adolescência no Paraná¹⁸.

Pamphilo dos Santos foi eleito, em 17 de dezembro de 1956, orador da Associação Paranaense de Farmacêuticos para o biênio 1957-1958¹⁹.

Foi vereador de Curitiba pelo Partido Social Democrático (PSD) por duas legislaturas: 1947-1950 (com 668 votos)²⁰ e 1956-1959 (com 859 votos)²¹. Assumiu como prefeito interino de Curitiba dia 16 de julho de 1948 quando era presidente da Câmara dos Vereadores (MARTINS, 2017). Como vereador apresentava projetos para auxiliar o esporte amador, redução da tributação, defesa da educação e da saúde para os desamparados, apresentava e defendia projetos que não fossem “pó de arroz em cara suja!”, como ele mesmo declarava²².

Em 1957 pediu licença da função de vereador e substituiu Vidal Vanhoni na Secretaria de Educação e Cultura na segunda gestão de Moyses Lupion (1956-1961) de quem era apoiador convicto²³. Trabalhou na instalação de vários Comitês Pró-Moyses, em diferentes bairros de Curitiba, durante as eleições de 1955. Nessa mesma época era um dos membros do diretório regional do PSD.

Em 14 de setembro de 1957 fundou com outros médicos a Sociedade de Endocrinologia e Nutrição do Paraná que foi incorporada como Regional do Paraná à Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia em 11 de agosto de 1958²⁴.

Foi um homem público de reconhecido valor sendo homenageado ainda em vida. No ano de 1957, uma escola em Iporã, foi batizada com seu nome, a Escola Estadual Doutor Antenor Pamphilo dos Santos²⁵. Após a sua morte um dos logradouros de Curitiba foi denominado Rua Vereador Antenor Pamphilo dos Santos, no bairro Vista Alegre²⁶.

Foi candidato pelo Partido Social Democrata (PSD) a deputado estadual nos anos de 1950 e 1958. Não foi eleito em nenhum dos pleitos²⁷. Durante o processo das eleições de 1958 o governo fez uma campanha para os eleitores

¹⁷ Diário do Paraná, 04/07/1946, p. 2. O Dia (PR), 18/05/1952, p. 3.

¹⁸ A Divulgação, fevereiro-março, 1945, p. 33.

¹⁹ Diário do Paraná, 09/01/1957, p. 8.

²⁰ Resultados de eleições municipais – Curitiba – 16/11/1947. Disponível em <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>. Acesso em: 23 abr. 2018.

²¹ Resultados de eleições municipais – Curitiba – 03/10/1955. Disponível em <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>. Acesso em: 23 abr. 2018.

²² Chegou a ser presidente de honra do Huracan S. Vicente Clube da Rua Itupava no ano de 1956. In: Paraná Esportivo, 31/10/1956, p. 7.

²³ Diário do Paraná, 07/11/1957, p.3.

²⁴ Disponível em <https://www.endocrino.org.br/perfil-e-historia/>. Acesso em: 21 abr. 2018.

²⁵ A Tarde, 10/10/1957, p. 3

²⁶ Projeto de Lei Nº 157/67 de iniciativa do vereador Arlindo Oliveira (22 de agosto de 1967).

²⁷ A Tarde, 24/08/1950, p. 6. A Tarde, 08/10/1958, p. 3.

não votarem em branco. Aproveitando a mensagem da campanha do governo e a candidatura do professor Pamphilo dos Santos para deputado estadual, os alunos da Faculdade de Medicina penduraram uma faixa no pátio com os dizeres: “NÃO VOTE EM BRANCO. VOTE NO PROFESSOR PAMPHILO!” fazendo alusão a cor da pele do professor, relembra um de seus ex-alunos²⁸. Outra referência que encontramos sobre a cor da pele de Pamphilo dos Santos é de outro ex-aluno que assim o descreveu: “aproximou-se o professor Antenor Pamphilo dos Santos, homem alto, **preto**, avental branco, engravatado e de óculos bifocais”²⁹. Segundo Souza (2011), Pamphilo teria sido membro da União Homens de Cor (UHC), antiga organização do movimento negro no

Paraná que combatia o racismo sobretudo através da atuação de homens negros com visibilidade social e política. A UHC teria funcionado de 1948 até a década de 1960.

Foi candidato a 2º suplente do candidato a senador pelo PSD do Paraná, Flávio Guimarães, nas eleições de 1946³⁰. Em 1960 foi o presidente de honra do Comité Médico Pró-Plínio Costa, que funcionava no Edifício Asa, na Praça Osório. Esse comité apoiava Plínio Franco Ferreira da Costa para a suprema magistratura do Estado³¹. Assumiu, no ano de 1961, como secretário da saúde do governo de Moysés Lupion, permanecendo até a posse de José Justino Filgueira Alves Pereira, secretário do governo Ney Braga (FGV-CPDOC, on line; SESA, on line).

Pamphilo dos Santos foi casado com Laura Sozzi e tiveram apenas um filho, Jayme Sozzi Pamphilo dos Santos, formado em Direito e falecido em 10 de maio de 1963³². Moravam na antiga Rua Conselheiro Barradas, depois Rua Carlos Cavalcanti nº 1386



Morada de Pamphilo dos Santos.
Fonte: Correio do Paraná, 12/05/1934, p. 3.

Quando Pamphilo dos Santos faleceu em 9 de fevereiro de 1967 aos 72 anos a Reitoria da Universidade Federal do Paraná decretou luto simbólico de três dias. A Prefeitura de Curitiba e a Secretaria Estadual de Educação decretaram luto oficial de dois dias³² em reconhecimento a todo serviço prestado nas instituições pelas quais passou.

²⁸ O ex-aluno não permitiu sua identificação.

²⁹ Henrique Packter, ex-aluno. In: Três crônicas de natal de 2017 (23/12/2017). Disponível em <http://www.clicatribuna.com/colunista/henrique-packter/david-lui-z-boianovsky-primeiro-pediatra-10911>. Acesso em: 23 abr. 2018. Grifo da autora.

³⁰ O Dia (PR), 04/01/1947, p. 5.

³¹ Diário do Paraná, 01/10/1960, p. 4.

³² Diário do Paraná, 10/06/1959, p. 5. Diário do Paraná, 11/05/1963, p. 10.

³² O Diário do Paraná, 10/02/1967, p. 7.

REFERÊNCIAS

APUFPR. **APUFPR Sind - 50 anos de História**. Fascículo 1. Curitiba, 2010.

COSTA, Iseu Affonso da; LIMA, Eduardo Correa. **O ensino de medicina na Universidade Federal do Paraná**. Curitiba: Editora da UFPR, 1992.

FERRARINI, Sebastião. **Círculo de Estudos Bandeirantes**: documentado. Curitiba: Editora Champagnat, 2011.

FGV-CPDOC. **Verbete José Justino Filgueira Alves Pereira**. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-justino-filgueiras-alves-pereira>. Acesso em: 18 set. 2018.

LIMA JUNIOR, José Alberto de Andrade de. **História da disciplina de Música e Canto Orfeônico em das escolas secundárias públicas de Londrina (1946-1971)**. Londrina: Mestrado em Educação da UEL, 2009.

MARTINS, Walkiria Braum. **Levantamento das legislaturas e vereadores (1947-2020)**. Curitiba: CMC, 2017.

MÉDICOS DE 1936 . **25º Aniversário de Formatura**. In: Divulgação Paranaense. Nº 166, janeiro de 1962, 1962 , p. 43.

RODRIGUES, Jaqueline dos Santos. **Postos de Puericultura**- fundação O Dia: educação das mãe e saúde dos filhos (Curitiba, 1940-1942). Curitiba: Mestrado em Educação da UFPR, 2013.



SESA (Escola de Saúde Pública). **Relação dos ex-diretores do Centro Formador de Recursos Humanos Caetano Munhoz da Rocha**. Disponível em http://www.escoladesaude.pr.gov.br/arquivos/File/LISTA_DIRETORES_ESPP_CFRH_2016_alterado.pdf. Acesso em: 18 set. 2018.

SOUZA, Eliezer Felix de. **Flávio Suplicy de Lacerda**: relações de poder no campo acadêmico/político paranaense e o processo de federalização e modernização da Universidade do Paraná. Ponta Grossa: Doutorado em Educação da UEPG, 2016.

SOUZA, Marcilene Garcia de. **A África está em nós**: história e cultura afro-brasileira/africanidades paranaenses. João Pessoa: Editora GRAFSET, 2011.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

ATIVIDADE 1 - Pedir para os alunos produzirem um texto de no máximo 15 linhas respondendo a seguinte questão: **Se você tivesse que contar para uma pessoa de fora da cidade como foi a fundação de Curitiba, como seria a sua narrativa?** Para os alunos que não são originários da cidade, relatar a imagem que possuíam dela antes de aqui chegarem e como essa imagem foi construída por eles.

ATIVIDADE 2 - Preparação para a sensibilização do tema: começar com um *brainstorming* do que os alunos entendem pelo termo Magia Negra para trazer à tona sobretudo os clichês e o senso comum. Ler o poema de Sérgio Vaz intitulado Magia Negra ([disponível na p. 228](#)). Tirar possíveis dúvidas sobre o vocabulário da língua portuguesa.

Dividir a turma em equipes para ser realizada a pesquisa das 59 personalidades negras citadas ao longo do poema. Dependendo o número de alunos, distribuir de 4 a 6 personalidades por equipe. Ao final, cada equipe fará a apresentação oral das biografias das suas personalidades. Importante que eles apresentem uma imagem/foto do biografado, local e data de nascimento e morte, principais aspectos da trajetória da vida pessoal e profissional, posição frente a questão racial e ao movimento negro.

Pesquisar sobre as instituições apresentadas no poema: Sarau da Cooperifa, Fundo de Quintal, Vai-Vai, Mangueira, RAP, Samba, Blues, Rock, Hip-hop, Africa Mbata.

Adaptar o poema original utilizando personalidades e instituições negras da cidade de Curitiba e/ou do Estado do Paraná.

Retomar o conceito de Magia Negra com os alunos.

ATIVIDADE 3 - Ler o poema Curitiba Afro, de Mel e Candiero ([disponível na p. 232](#)). Apresentar dados estatísticos do tempo colonial, provincial, republicano e atual sobre a composição da população paranaense e curitibana demonstrando como a presença negra sempre existiu no estado. Finalizar mostrando os últimos dados do IBGE que aponta o Paraná como o estado da região sul com o maior percentual de negro em sua população.

Discutir o significado das palavras utilizadas no poema: apagamento, novos caminhos e novos trilhos.

Pesquisar sobre as personalidades negras apontadas no texto: Zacarias, Rebouças e Enedina. Retomar a biografia de Enedina e discutir sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira.

Brainstorming: vocês conhecem alguma outra personalidade negra paranaense?

ATIVIDADE 4 - Retomar a biografia de Paulo Leminski e o conceito de afropolaco.

Ler o texto de Paulo Leminski intitulado Abaixo o 13 de Maio!

Trabalhar com as dúvidas sobre vocabulário do texto.

Apresentar a diferença entre as datas: 13 de maio (Dia da Abolição da Escravatura) e 20 de novembro (Dia da Consciência Negra)*.

Discutir sobre a historiografia feita a partir da perspectiva dos vencedores. Tratar da legislação abolicionista no Brasil: Lei da Proibição do Tráfico Negreiro, Lei do Ventre Livre, Lei dos Sexagenários e Lei Áurea.

Apresentar o que foi o Movimento Abolicionista e o que é o Movimento Negro. Entender a relação entre o fim da escravidão, a proclamação da república e as relações capitalistas.

Discutir sobre a vida do negro a partir de 14 de maio de 1888 – por que o autor considera que a Lei Áurea cometeu um “grande crime social” e que o dia 13 de maio é o “dia da grande sacanagem contra o negro brasileiro”?

Apresentar a diferença de condições entre ser escravizado e ex-escravizado/cidadã/o negro/a livre, os conceitos de racismo estrutural e de racismo institucional, o perfil população carcerária, entre outros.

Apresentar o conceito de “democracia racial” e a obra de Gilberto Freyre.

Depois, contrapor com as diversas formas de resistência negra como as rebeliões, os quilombos, atitudes do cotidiano, entre outras e que não foram tratadas pela historiografia tradicional.

Por que o autor considera que “o negro brasileiro vai ter que ir para a universidade, vai ter que virar sociólogo, cineasta, romancista, poeta e sobretudo político”?

Discutir sobre as políticas de ações afirmativas e a representação do negro em diferentes instituições.

*** SUGESTÃO DE MÚSICA COMPLEMENTAR PARA A AULA SOBRE O 13 DE MAIO E O 20 DE NOVEMBRO: "JONGUEIRO CUMBA", DE WILSON MOREIRA.**
Disponível em <https://www.letras.mus.br/wilson-moreira/jongueiro-cumba/>



REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. SP: Editora Brasiliense, 1990.

_____. **A ilusão biográfica**. In: **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 10ª ed. Campinas: Editora Papirus, 2010, p.74-82.

REINEHR, Melissa; SILVA, Adegmar J. **Alma das ruas**: uma crônica para a alma negra curitibana. In.: **Afrocuritibanos**: crônicas, manifestos e pensamentos azeviche. Curitiba: Editora Humaitá, 2015.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. RJ: Zahar Editores, 1995.

GOMES, Oscar Martins. **O professor Pamphilo D'Assumpção**: perfil póstumo. In: **Revista da Faculdade de Direito**. Curitiba: Universidade do Paraná/Papelaria Requião, v. 6/7, p. 379-383, 1959,.

IANNI, Octávio. **As metamorfoses do escravo**. SP: Hucitec, 1988.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente**. 2ª edição. SP: Editora T.A.Queiroz, 1989.

MORAES, Pedro Rodolfo Bode; SOUZA, Marcilene Garcia de. **Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba**. In: *Revista de Sociologia e Política*, Nº 13, nov. 1999, p. 7-16.

SARTRE, Jean Paul. **Questão de método**. Lisboa: Difusão Europeia do Livro, 1966.

SARTRE, Jean-Paul. **O idiota da família**. Volume 1. SP: LP&M, 2013.

Significado de PÂNFILO. In: **Dicionário de nomes próprios**. Disponível em <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/panfilo/>. Acesso em: 18 set. 2018.

REINEHR, Melissa; SILVA, Adegmar J. **Oralidades Afroparanaenses**: fragmentos da presença negra na história do Paraná. Curitiba: Editora Humaitá, 2016.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista; BORBA, Carolina dos Anjos; VANALI, Ana Crhistina; VASCONCELOS, Daiane da Silva. **Políticas afirmativas**. In: SILVA, Paulo V.B. da *et al.* (orgs). **Educação das relações étnicos raciais**: o estado da arte. Curitiba: NEAB/UFPR e ABPN, 2018, p. 561-621.

VANALI, Ana Crhistina. **Reflexões sobre a Universidade do Mate**: análise da distribuição de cor/raça dos docentes e discentes de pós-graduação da UFPR. Curitiba: Relatório de pesquisa relativo ao Estágio de Pós-Doutorado em Educação desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, 2018.

WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. 6ª edição. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda, 1988.